

O que significa nascer negro nos EUA (ou no Brasil), segundo James Baldwin

“Da próxima vez, o fogo” reúne duas cartas do autor, uma dirigida ao sobrinho, outra sem destinatário certo

Tatiana Salem Levy

Valor, 04/05/2024

No próximo dia 13 de maio, completaremos 136 anos da abolição da escravatura no Brasil. Há muito ainda por rever em relação a essa data, que não levou em conta, no decorrer das décadas, os movimentos negros que culminaram no fim da escravidão legal. A princesa Isabel ficou com todos os louros do ato, como se a monarquia tivesse agido espontaneamente.

Além disso, quase não se fala que a maior parte do movimento republicano se aliou aos latifundiários para impedir uma reforma agrária, tal como proposta por Antonio Rebouças, respeitado engenheiro negro. Foi então que veio a aprovação da Lei Áurea, sem nenhuma compensação ou alternativa para os libertos se inserirem no Brasil livre.

Desde então, a vida dos afrodescendentes tem sido de muita luta, sobrevivência e resistência. Ao longo desse quase século e meio, as políticas de inclusão foram quase inexistentes. Quando surgiram as cotas de entrada nas universidades, grande parte da intelectualidade arregaçou as mangas para defender o seu quadrado, com o argumento falacioso do mérito. Ser negro no Brasil, de fato, não é para principiante. Um número cada vez maior de escritores tem narrado e pensado a realidade dos herdeiros diretos da escravatura.

Eu poderia falar de um deles hoje, mas acabei de ganhar de presente - e de devorar - “Da próxima vez, o fogo” (trad. Valério Romão, Alfaguara Portugal), de James Baldwin. Publicado em 1963, foi um dos primeiros livros a dar voz à luta do Movimento dos Direitos Civis nos EUA. Não encontrei tradução dele no Brasil, onde a Companhia das Letras tem publicado a maior parte de seus livros de ficção e não ficção. “Da próxima vez, o fogo” reúne duas cartas do autor, uma dirigida ao sobrinho, outra sem destinatário certo, espécie de carta-ensaio.

A primeira, ele escreveu por ocasião do centenário da Emancipação, a abolição da escravatura nos Estados Unidos. Espécie de carta-testamento, James lega ao sobrinho palavras que um dia o farão compreender o que é ser negro no seu país, o que isso implica, as dificuldades que ele encontrará pelo caminho e aquilo que lhe será exigido ao longo da vida.

Quando se nasce negro nos EUA, assim como no Brasil, não se parte do mesmo lugar de quando se nasce branco. Nascer negro nesses lugares significa chegar ao mundo com uma história de escravidão muito recente, com uma violência que nunca cessa, expressa em palavras, gestos, proibições, obstáculos.

O irmão de Baldwin, pai desse sobrinho, teve uma vida terrível, pois foi “derrotado porque acreditava mesmo, no seu íntimo, no que os brancos diziam acerca dele”. O mundo não foi gentil com ele, que só por um triz sobreviveu. Ter a vida destruída pelo simples fato de ser negro é ser vítima de um crime - e é este o crime de que Baldwin acusa o seu país e os seus

conterrâneos, “que destruíram e destroem centenas de milhares de vidas sem que saibam ou queiram saber”.

Um crime imperdoável, sem dúvida, cuja inocência é impossível, pois é ela própria “que constitui o crime”. E é para saber lidar com os “inocentes” que ele escreve a carta endereçada ao sobrinho. “Nascestes onde nascestes e foste destinado ao futuro a que foste destinado por seres negro, e nenhuma outra razão”, diz ele. De um negro, assim como das prostitutas e dos homossexuais que transitavam pelas ruas do Harlem, na Nova York daquela época, esperava-se que acabasse por morrer. Quando sobrevive, é-lhe definido de fora o que pode fazer, com o que pode trabalhar, onde pode viver.

Mas a beleza da carta de Baldwin está no legado das perguntas, da tentativa de compreensão e do amor, que tanto falta neste mundo. Para se libertar dessa condenação imposta pelos inocentes, o sobrinho precisa compreender - coisa que os inocentes nunca fizeram. Eles não conseguem se libertar do que dizem, pois não compreendem a história. “Tiveram de acreditar, durante muito tempo e por uma infinidade de razões, que os negros são inferiores aos brancos.” Qualquer mudança nessa estrutura exige a compreensão de uma história, não o salto para fora dela.

O segundo texto se chama “Aos pés da cruz: Carta de uma região da minha mente” e forma uma espécie de continuidade do primeiro. Baldwin estende sua tentativa de compreensão a partir das memórias da sua infância e adolescência no bairro do Harlem, condenando de forma arrasadora o racismo na sociedade americana.

Ao refletir sobre os dilemas da espiritualidade num diálogo entre religião e sexualidade, ele promove uma crítica feroz às contradições políticas que condenam os negros à invisibilidade ou à violência, trazendo à mostra a hipocrisia que corre solta nos EUA.

Aos 14 anos de idade, Baldwin passou por uma grande crise religiosa. Não era fácil frequentar a rua dessa parte marginal da cidade - e isso fica evidente no seu romance “Se a rua Beale falasse”, que tem como pano de fundo o Harlem da década de 70. “Alguns entregaram-se ao vinho, ao whisky ou à seringa, e ainda lá andam. Outros ainda, como eu, refugiaram-se na igreja”, revela o escritor. A religião foi, para ele, nessa fase em que descobria mais o mundo, um importante refúgio.

Ao mesmo tempo, ele descobria que “nem a razão civilizada nem o amor cristão fariam qualquer uma destas pessoas nos tratar como supostamente elas gostavam de ser tratadas”. Descobria também que a polícia maltratava e prendia os negros apenas por serem negros, impunemente. E ainda constatava que as condições a que eram submetidos constituíam a prova esmagadora de que os brancos não viviam de acordo com os seus princípios. Em outras palavras, não agiam na prática conforme o seu discurso.

Naquela altura, ele nem conseguia se imaginar escritor, pois tal imaginação não lhe era permitida. Mas Baldwin tampouco tinha “a intenção de deixar que os brancos desse país me definissem”. Quando as possibilidades não são dadas à partida, torna-se mais difícil imaginá-las. Isto é algo que ele só conquista com o tempo e as muitas batalhas - inclusive, a batalha contra as várias razões válidas para ele se “tornar um criminoso”.

Não era fácil escapar ao destino desenhado para ele antes do nascimento. Muito antes de um jovem negro perceber que os brancos detêm o poder, “ele já começou a ser condicionado” pela diferença social entre brancos e negros.

Falta o conforto de se saber num mundo que o acolhe. Isso era lá, nos EUA, mas também aqui. Isso é ainda lá, e é ainda aqui. Há muita estrada pela frente. Mas ler livros como os de Baldwin - e recomendo vivamente os que estão traduzidos no Brasil - nos faz acreditar que a palavra tem um peso enorme na construção deste mundo. Às vezes, precisamos mudar nosso jeito de falar, nosso jeito de escrever e de compreender a língua, ou simplesmente ouvir e ler um modo outro, que já existe, mas para o qual nos fechamos. “Pode a subalterna falar?”, pergunta-se Spivak no seu já célebre ensaio. E a resposta está nos discursos e nos livros que não só podemos, como devemos ler.

Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente
E-mail: tatianalevy@gmail.com